



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato
da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

Lemos nos jornais que principiam no próximo dia 10, os trabalhos de cobertura do cancro de Alcantara, sob o qual assentará a futura Avenida de Ceuta.

Felicitemos a Ex.^{ma} Camara pela sua deliberação em acabar com aquele foco de infecção, embelezando o local, e pedimos que não esqueça tambem a cobertura do cano de esgoto do Rio Sêco, que, sendo duma pequena extensão, comparado com aquele, é no entanto outro grande foco de infecção.

Num recanto da Rua dos Quarteis existe um micro-rio que está fora da época; não tem, nem nunca teve, água corrente, exalando por isso um cheiro nauseabundo, e é muito devassado.

Quando naquela rua não havia predios defronte, já não era decente; mas agora, que a parte fronteira está quasi completa de boas casas de habitação, está indecentissimo.

Pedimos pois a sua substituição, quanto antes, a bem da moral e da hygiene, como diria o nosso antepassado Jaime José.

Junto ao lavadouro municipal do Rio Sêco, existe uma barraca de pouco mais de um metro quadrado de superficie, que ali foi colocada para servir de bilheteira e de resguardo do empregado do dito lavadouro.

Pois essa barraca está em tal estado de abandono, que não tem utilidade nenhuma para o fim a que foi destinada, visto que chove dentro dela, como na rua.

Além disso está indecente, porque não é pintada ha muitos anos (até parece mentira) e está cheia de remendos de chapas de folha e de zinco. É uma vergonha e um impecilho, que até está tomando espaço ao passeio, e que muito bem podia estar dentro do edificio, segundo nos parece, e sem grande despesa.

Pedimos, pois, a sua remoção.

Por absoluta falta de espaço somos forçados a reter bastante original, do que pedimos desculpa aos nossos presados colaboradores.

CUIDEMOS DOS DOENTES POBRES!

O que o Hospital Militar de Belém poderá fazer

Pouco a pouco procuramos servir os interesses dos habitantes da freguesia e é com desvanecimento que constatamos a existência de bastantes individualidades a animar-nos nesta árdua missão. Assim, o dispêndio de energias, quasi se não sente.

Tem a nossa freguesia, elementos que muito podem contribuir para o seu saneamento higiênico. Pois bem: Chegou o momento, em que dêles todos necessitamos, e que estamos certos, não se recuzarão a colaborar connosco. Vamos pois ao assunto, cheios de entusiasmo.

Existe na freguesia, o Hospital Militar da Boa-Hora, cuja direcção e apetrechamento, garantem-nos, ser modelar. Sabemos bem, que este hospital, é destinado aos doentes da guarnição de Lisboa, e não pensamos com as nossas palavras, dar-lhe outro destino. Porém, atrevemo-nos a solicitar das entidades competentes o alargamento das suas funções. no sentido de ser criada uma clinica externa para as classes pobres desta zona da cidade, pois o hospital mais próximo onde tal se faz, é o da Estrela, que mesmo assim, fica bastante longe.

Sabemos bem, que se este facto, representa uma melhoria considerável para todos os pobres da freguezia, traz ao mesmo tempo, á Direcção e corpo clínico do Estabelecimento um excesso muito apreciável de trabalho. Estamos certos, que a simpática classe médica, com aquele altruismo próprio da sua profissão, também querará colaborar nesta cruzada de bem. E toda a freguezia lhe ficará eternamente grata.

Porque estas consultas decerto acarretam despesa, e desde que não podessem ser feitas gratuitamente, poder-se-ia estabelecer o regime das senhas de um escudo, como se faz nos outros hospitais.

Terminando, ousamos destas colunas, solicitar do Digno Director do Hospital Militar de Belém, a sua valiosa colaboração, certos de que Sua Ex.^a tomará no devido aprêço, o nosso pensamento, e será junto das entidades competentes, o porta-voz dos pobresinhos doentes, da freguesia da Ajuda.

Diz «La Protesta» que segundo os cálculos que a Sociedade das Nações publicou, os beligerantes gastaram na última guerra a soma de dez triliões de francos, cifra astronómica, como se vê, da qual o cérebro humano não pode formar uma ideia exacta.

Porém, alguns matemáticos inglezes dedicaram-se ao estudo destas cifras e calcularam que com esta fantástica soma, se poderiam ter realizado as seguintes obras:

1.º — Dedicar uma casa de recreio (literalmente uma vivenda) mobilada, com jardim e dependências, de um valor de 100.000 francos, a todos os que povoam os seguintes países: Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha e Rússia Europeia.

2.º — Construir ao mesmo tempo em cada aglomeração de mais de 200.000 habitantes, dêsses mesmos países: um hospital no valor de 125 milhões de francos; uma biblioteca de igual valor; uma universidade, ou estabelecimentos escolares, no valor de 250 milhões. Além disso, poder-se-ia ter constituído um fundo de reserva que, colocado a 5 por cento, teria rendido anualmente o suficiente para pagar a 125.000 mestres ou professores e a 125.000 médicos e enfermeiros, com o ordenado mensal de 25.000 francos. Mas não é tudo. Terminadas as construções, reservado o capital que acima dizemos, ficaria ainda uma importância igual ao valor da propriedade da Belgica e da França, antes do cataclismo.

Quando uma politica chega a tais extremos e determina semelhantes crimes e semelhantes massacres, temos forçosamente de condená-la.

Abaixo as guerras!

Vão em breve realizar-se as experiencias dum comboio capaz de atingir a velocidade de 400 quilómetros por hora. Este comboio é provido duma hélice e dum motor de avião e é denominado «Zeppelin terrestre». A construção importará em 4 milhões de rublos e as experiencias efectuar-se-ão na linha entre Moscovo e Leninegrado, cuja distancia este autêntico bolido deverá transpor em hora e meia.

A Favorita da Ajuda

DE

ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

 Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
 Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS

RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR

TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

CRÓNICA MÉDICA

A mudança da estação

A quadra que atravessamos, em que se estabelece a transição da época calmosa para o clima invernos, é precisamente a época do ano em que mais cuidados se tornam necessários para a conservação da saúde, pois que nenhuma época é mais propícia ao ataque do organismo pelos agentes patogénicos do que esta.

Com efeito os resfriamentos, as molhas, a humidade, o frio, são tantas causas predisponentes, que, encontrando o organismo adaptado às condições climáticas estivais, o surpreendem bruscamente num estado de anafilaxia para estas causas, creando da parte do individuo condições de menor resistencia ás infecções.

São bem do conhecimento popular as grandes epidemias de gripe, das quais está ainda na memória de todos a grande epidemia da gripe pneumónica que grassou assustadoramente em 1918, sendo conhecida vulgarmente pela «pneumónica» ou pela «espanhola».

Aqui temos pois uma doença que, desprezada de todos e considerada como sem valor, pode contudo apresentar-se como um quadro morbido de alta gravidade.

Mas não é esta a unica doença própria da época; começam agora aparecendo os sarampos, as variolas, as escarlatinas, os reumatismos, as febres tifoides e paratífoides, as anginas de várias espécies, na vanguarda das quais devemos colocar as anginas diftéricas, com todas as suas complicações, as pneumonias e as broncopneumonias, enfim, uma infinidade de quadros morbidos, qual dêles o mais grave.

Embora todas estas doenças tenham agentes patogénicos diversos e ás vezes um mesmo processo morbido possa ser provocado por mais de um agente microbiano, contudo ha um certo número de causas gerais que embora não sejam ocasionais, figuram como causas predisponentes, e das quais já mais atraz citámos algumas, como por exemplo o frio excessivo ou melhor ainda a transição brusca do calor para o frio, a humidade, as molhas, a exposição prolongada ao frio, etc., etc., aliadas as mais das vezes a más condições higiénicas não só da habitação mas individuais, a falta de recursos, a má alimentação, fadiga excessiva, contágios inevitáveis umas

vezes, mas outras por incuria ou ignorancia, e tantas outras.

Devemos pois salientar neste pequeno artigo a necessidade de nos defendermos contra todas estas causas aqui citadas, com o que evitaremos até certo ponto estes flagelos a que estamos condenados se não seguirmos certas prescrições que nada custam, e ás quais fizemos alusão resumidamente.

Dr. Medina de Souza.

José Manuel Soares (Pepe)

Que saudade sentimos ao relembrar este belo rapaz, que tam justas simpatias contava entre todos que com ele privavam!

E já lá vai um ano decorrido em que do hospital da Marinha para onde o haviam transportado, nos annunciaram com voz angustiosa, a triste fatalidade. E dizemos angustiosa, porque a pessoa que tal nos comunicou, era um seu verdadeiro amigo, porque nos telefonou, dizendo: Morreu o nosso Pepe! Morreu o nosso querido amigo!

A noticia, correu celere, brutalmente, atravez do telégrafo e afixada nos «placards» dos jornais e foi alojado no coração dos desportistas lusitanos.

José Manuel Soares, o avançado temido pelos guarda-rêdes de grande classe, como Zamora, Siflis, Siska, Roquete, etc., foi riscado na lista aurea do shoot, pela morte implacável, aos 23 anos, conta florida e esperançosa da mocidade!

Aquella colossal resistencia, aquella vontade de viver e a destreza científica dos clinicos que atacaram a doença mortífera, foram impotentes no combate entre a Morte e a Vida — aquella Vida que ele via sorrir, ele, o belo moço, de olhar franco e terno. Não era só um grande desportista. Era também um filho exemplar e um amigo dedicado.

A estima que por ele todos tiveram, verificou-se no seu funeral. Verificou-se na manifestação que o seu querido Club «Os Belesenses», lhe consagrou no passado dia 23 de Outubro, no campo, onde colaboraram setecentos atletas, representando a maioria dos Clubes do país.

O desfile a que assistimos, foi um espectáculo emocionantissimo, muito em especial quando passou junto do busto do enérgico e famoso avançado do grupo que em 1928, deu que falar no torneio olimpico de Amsterdam! Todos lembraram com saudade, o seu esforço dessas memoráveis tardes! Viram-se em memoria, os «shoots» fulminantes que violaram as rêdes confiadas á guarda de ídolos, como ele.

Primeiros 365 dias, contados entre saudades, que jamais se apagarão!

A morte, levou-o, mas a sua silhueta, fiel e simpática, estará fixada no Campo que hoje tem o seu nome, como exemplo vivo, onde muitos futebolistas se podem mirar.

F. D. S. P. Educação e Recreio

Em 31 de Outubro findo foi-nos dado assistir á interessante festa da inauguração da nova sede desta prestante instituição.

Dizer que ficámos satisfeitos é nosso dever, pois raras vezes nos é dado assistir a reuniões, em que, como esta, o espirito que anima os dirigentes é o da massa agremiada.

Posto isto, que nos desculpem os ilustres dirigentes da F. D. S. P. E. R. da pequenez da nossa reportagem, mas mais não podemos fazer do que lhes dizer: «que continuem a seguir o caminho que o secretario adjunto sr. Manuel de Almeida Oliveira tam bem consubstancia, na saudação final das suas considerações que com a vida venia transcrevemos:

«Termino saudando todos os que, nesta aureola brilhante e gloriosa, para o destino das Sociedades Recreativas, se encontram por ela envolvidos, já pelos seus actos, também pelos seus beneficios, outro sim pela sua propaganda, exortando-os a que o lêma «união e firmeza pelo progresso da raça», seja mantido pela sua conducta desanuviada; pela divulgação dos seus principios da sociabilisação, tão necessária para o ressurgimento do glorioso e inconfundível nome de Portugal; pelo seu interesse em procurarem estudar intelligentemente as necessidades momentaneas que, pelo seu alto valor, possam servir de estimulativo a mais amplas aspirações dentro dos campos da Instrução, Educação e Beneficencia, espoentes maximos guindados sobre a base do Recreio numa hora felicissima de cordialidade, solidariedade e fraternidade, por aqueles que nos abriram o caminho da paz, concordia e harmonia, que sem desfalecimentos devemos trilhar e seguir para glorificação dos que passaram, dignificação dos presentes e estímulo para os vindouros.

Tornando-se necessário que todos numa só voz, como no mais lidimo, harmonico e melodioso unisono em cantos celestiais, entoemos esse hino glorificante para todos nós portugueses.

Arriba pelo meio Recreativo em prol dum Portugal Maior.»

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia — Forjas — Caldeiraria — Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco) — Telef. B. 207

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMERCIO DA AJUDA" e onde este jornal pôde ser adquirido gratuitamente:

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}



PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, Calçada da Memória, 57 — LISBOA
TELEFONE BELEM 520

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fabrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA
TELEFONE BELEM 56

Pérola do Cruzeiro

DE

JOÃO DE DEUS RAMOS

Gêneros alimentícios de primeira qualidade
Especialidade em chá e café — Vinhos finos, do Porto e de pasto
Azeites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — AJUDA

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

Drogaria e Perfumaria

DE

ANTONIO MORAIS DOS SANTOS

Drogas, tintas e vernizes

Sabonetes e perfumarias dos melhores fabricantes

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELEM 220

AGENCIA FUNERARIA

DE

António Serapião Migueis

Calçada da Bôa-Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

DESPORTOS

O espectáculo no despôrto, ou instruções incompletas

Queria, nestas despretenciosas e mesquinhas notas, celebrar a excelência do amadorismo puro ou olímpico no despôrto. Mas sobressalta-me uma dúvida: será lícito que nos duros tempos que ora transcorrem se pronunciem palavras de desinteresse e abnegação quando a luta pelo pão de cada dia é mais viva, mais ardente, mais miserável? E, para que não apareça alguém que me apelide de *trouxa*, eu, que já sou *Lucas* de nascença, passo a outro capítulo da questão e vou fazer considerações. Isto não é crime pelo qual eu me veja obrigado a acrescentar o apelido.

No tempo em que se começava a experimentar o «gosto que dar pontapés na borracha tem» — o tempo das balisas às costas, como pitoresca e historicamente se chama — não havia o *manque à gagner*⁽¹⁾, nem despesas para transportes, nem bónus para a paródia, nem Ovomaltine ou chá e torradas e cervejas no fim dos treinos. Cada um levava de sua casa o material preciso para a função: camisola, cuecas, meias e botas; eram todos o que se chamam actualmente «amadores olímpicos».

Mas os tempos desandaram; o público entrou a gostar da brincadeira da bola; a bilheteira começou a encher

bojudos sacos de notas e moedas; os jogadores foram vendo e... passaram a ter exigências, o que não lhes podemos levar a mal; e aqui temos como, a pouco e pouco, se foi industrializando o futebol.

Agora há a necessidade de apresentar ao público «bons cartazes» para garantirem a *casa* à cunha. E vá de arrastar jogadores aqui e acolá, já que em casa não os ha tam bons. E, muitas vezes, chega-se mais longe...

Ora vá lá uma história... autêntica:

Passa-se a acção em França (talvez se podesse citar a terra, mas não vale a pena). O clube local convidara um clube de fora a realizar dois jogos no seu campo. Feito o contrato, fizeram-se os reclames e o grupo visitante foi colocado nos púcares da lua.

Mas, pelo sim, pelo não, os cinco avançados locais foram chamados a capítulo e se calhar disseram-lhes isto:

— E nada de meter *goals*, hein? É preciso que os homens não sejam derrotados no primeiro jogo, de contrário não se arranjará público para o segundo jogo, hein?

Começado o jogo, os locais não metiam *goals*, a despeito do intenso domínio territorial. O jogo quasi no fim e o 0-0 mantinha-se. Até que...

Um dos defesas aleija-se e passa a extremo direito. Passa um minuto ou

dois; uma avançada, a bola vai à direita e o estropiado chuta; *goal!*

As instruções haviam sido dadas só aos avançados!

Lucas Jr.

P. S. — Amigo director: não sei o que me levou a misturar amadorismo com cartazes, avançados com balisas, etc. Talvez pessimismo. Enfim, você deitará fora certamente esta espécie de *coktail*. Não lhe levo a mal por isso. E já agora apresente as minhas saudações à rapaziada da bola, pois que é ela que afinal dá o corpinho ao manifesto... — L. J.

Secção Desportiva do Ajuda Club

Concluiu já, esta colectividade, o seu torneio de basket-ball, inter-sócios, ficando vencedor o team «Arsenal», constituído pelos jogadores Hipólito Conceição, Eugénio Esteves, Rodrigo Coelho e Mario Melo.

— Terminou, também, o seu torneio de ping-pong, inter-sócios, ficando vencedores, respectivamente nas categorias Fortes, Medios e Principiantes, Romulo Trindade, Alfredo Pereira e Francisco dos Santos. O C. T. desta modalidade está tratando da constituição das equipas que hão-de representar a secção no Campeonato de Lisboa.

(1) Usa-se escrever isto em francês que é para a gente não perceber, «Eles» lá sabem porquê...

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Mercaria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

Logo nos primeiros artigos desta secção nos referimos á casa do Largo da Ajuda, que foi moradia de Alexandre Herculano. Mas como nunca é demais recordar tudo quanto diga respeito a esse homem extraordinário, cujo talento como romancista, historiador, poeta e polemista, tanto

flôres que o homem de superior engenho arranjava por suas próprias mãos, para ornamento da casa de jantar; depois de falar dos figos de conserva e do licôr delicioso que ele preparava com os botões das roseiras de todo o ano: Bulhão Pato, procurando pôr em evidência a generosidade e grandeza de alma do mestre, a fina sensibilidade daquele «grande coração, tão grande como a sua cabeça, a mais robusta deste século em

roupas brancas magníficas, oferecendo-as por um preço arrastadíssimo.

«O autor da *História de Portugal* nem uma só vez aproveitou daquelas ofertas, devolvendo os objectos, a cujo verdadeiro preço não podia chegar, e juntamente com elles algum remédio».

Sublime exemplo de lisura, generosidade e nobreza de sentimentos, que apraz recordar nestes tempos em que a probidade é tão frequentemente esquecida e postergada.

No 3.º volume das *Memórias* Bulhão Pato fala novamente na casa de Herculano, na Ajuda, e como achamos sumamente curiosos os períodos em que o primoroso poeta descreve o aspecto, em 1849, de alguns pontos do bairro de que nos temos ocupado, aqui os deixamos transcritos, certos de que os nossos leitores os apreciarão, como verdadeira pérola ousadamente engastada no frio e desvalioso trabalho que temos tido a honra de lhes oferecer.

Escreveu o inspirado e saudoso poeta:

«O palácio da Ajuda esteve completamente abandonado desde 1834 até 1859 — áureo tempo das vacas gordas! — em que se gastaram, ou antes, em que o país pagou a bagatela de cem contos de réis para lhe deitarem uns remenditos. Todavia em 1849 a sumptuosa fábrica não estava completamente deshabitada. Nos quartos do rés-do-chão lá viviam algumas acafatadas, muito no declinar da idade, pobres, bem educadas e senhoris. Metiam dó, coitadas, quasi na penúria, apartadas do mundo naquela enorme mole de pedra, ouvindo sibilar o norte da invernã, nas noites eternas;

A Ajuda de outros tempos

engrandeceu e ilustrou as letras portuguesas, voltamos hoje a falar dessa casa, onde, em 1851, duas notáveis inteligências desabrochavam, sábia e condizidas pela mão do mestre.

Bulhão Pato, o inolvidável poeta de quem ainda hoje saboreamos com delícia os mimosos versos, assim o afirma no 1.º volume das suas *Memórias*. Diz ele:

«A casa da Ajuda era, nêsse tempo, a mansão tranquila, onde, á sombra do mestre, estudava um grande talento, Rebêlo da Silva, e eu balbuciava, tímido, os primeiros versos.

«Sim! Tranquilo e salutar!»

E a seguir á descripção de como a vida corria naquela casa, que ele e Rebêlo da Silva denominavam *Eremitério*; depois de citar os cuidados e desvelos com que, logo de manhã, Herculano tratava do seu formoso jardim, fazendo com rara perícia uma transplantação, um decote ou um enxerto; após o elogio dos ramos de

Portugal; Bulhão Pato, para desmentir categoricamente «os invejosos mordazes que inventaram ser Alexandre Herculano um homem áspero e brutal no trato», escreve:

«Não conheci ninguém mais sincero, mais simples, e ao mesmo tempo mais amorável, e, sem atecção, delicado».

E acrescenta:

«Todos os dias, á hora em que iam para a mesa, saíam de casa três bandejas, cobertas com a sua toalha muito branca. Eram três jantares. Um para um frade egresso, os outros dois para duas acafatadas do antigo paço, perdidas na solidão da enorme fábrica da Ajuda, então deserta.

«Havia por ali famílias realistas em más circunstâncias, e alguns convenionados de Évora-Monte, literalmente na penúria. Nunca bateram á porta de Alexandre Herculano, que se fôsssem com as mãos vazias. A's vezes, donos de casa de famílias que haviam sido abastadas, mandavam colchas da Índia,

Conheci-a creança ainda. Muito franzina, ainda que algo bela, tinha no olhar uma expressão de tristezza tão penetrante, que impressionava quem a contemplasse profundamente. Embora sempre com um sorriso meigo á flor dos lábios, parecia-se, através d'ele e das suas frescas frases infantis, uma dôr oculta, qualquer coisa inexplicável, que nos fazia ter um pensamento de serenissima piedade, como se adivinássemos naquela joven um anjo mártir. Alzira, se chamava a pobresinha. Seu pai, um alcoólico incorrigível, maltratava-a por vezes,

sem que a inocente tivesse a menor ternura de mãe, para lhe beber com beijos as lágrimas sentidas que vertia. No entanto, um dia veio em que a morte lhe arrebatou aquelle que, embora mau, representava para a joven o unico amparo, o derradeiro esteio!

Pobre Alzira!

Orfã aos 16 anos, no seio duma sociedade onde sómente

o oiro impera e onde a compaixão é uma palavra vã!...

Nos primeiros tempos da sua orfandade ainda alguém dela se condeou e, assim foi vivendo das miserias esmolas daquelles que conheciam o poema triste das suas desventuras. Mas, a pouco e pouco, a pobresita foi esquecida e, não podendo ganhar, com os seus braços, o pão de que necessitava para viver, foi cair na voragem repulsiva onde tantas vão parar para não morrerem á mingua duma cêdea. Foi o unico caminho que se lhe deparou sem obstaculos...

Era uma tarde linda de outono. No jardim de... a banda dum regimento tocava uma musica alegre, divertindo a multidão descuidada que ia gosando serenamente a vida sem vêr nuvens presagiantes a toldar o seu dia de amanhã.

Para ali também me dirigi, um pouco impressionado

Farmacia

SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefone B. 329

Consultas
médicas
diárias

pelos Ex. mos Srs.

Ors.

Carrilho Xavier

às 10 horas

Medina de Sousa

às 17 horas

Serviço

noturno ás
sextas-feiras



A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L. DA

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Travessa de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como:
livros á antiga, amador
e escrituração comercial

Copiadores, caixas e pastas para arquivo.

Armam-se pastas de fantasia e bordadas

Envernizam-se mapas

mulheres que haviam passado a mocidade nos paços realengos de Lisboa e do Rio de Janeiro. Havia também criados do rei D. João VI, que tinham acompanhado o monarca ao Brasil. Alguns d'elles contavam anedotas do antigo paço — algumas delas caíam de maduras — e também ditos do rei bonachão, finório á moda salaia, de letras gordas, mas que estava muito longe de ser o lerdo que muita gente cuida. No largo as ruínas da Patriarcal. Meia dúzia de soldados de infantaria 1 de guarda ao palácio.

«Em frente, no fundo do largo, a casa do general de engenharia Júlio Guerra, militar inteligente e brioso, fora do serviço por ter aderido á Maria da Fonte. Pegava com esta casa a do principal Corte Real e seus dois sobrinhos, D. João e D. Gastão da Câmara.

«Na Calçada de D. Vasco o Conde e a Condessa de Belmonte, casados havia um ano. O Conde de Belmonte — D. Vasco da Câmara — era moço dos seus vinte anos, estatura regular, delgado, bem pôsto e elegante; olhos garços insinuantes, boca graciosamente recortada, inteligente e distintíssimo. Nobilíssima alma de rapaz. Seu tio, o notável Chico Belas, oficial de cavalaria, calção soberbo; o padrao nem mais nem menos do que o Conde de Vimioso. Tinha a quem sair, e assim foi destro cavaleiro de sela e selim raso. Os caçadores de hoje não calculam o que era a caça noutros tempos, até pelos suburbios de Lisboa. Ao sopé dos muros da Tapada se levantavam as perdizes que andavam a repasto nas terras de sementeira.

«No clarear duma manhã de Setembro que paisagem aquela, vista do alto da montanha!

«A barra, o cabo, o oceano; a Arrábida ao sul; ao norte Sintra. O sol rompendo na orla do nascente, em braza, sem vibração de luz a principio, agora jogando as primeiras frechas ás cumiadas de Palmela, ferindo as ondinhas verde-claras do Tejo. A sul, escuro o céu; no remoto occidente, ainda mal desvanecidas as estrêlas; na aragem, apenas sentido, o sópro invisível e virginal da madrugada; os galos da aurora soltando a voz cristalina pelos casais perdidos entre as hortas e pomares. O Jamar, nas voltas sinuosas, denunciando-se no trépido murmúrio, através da névoa opalina condensada sobre o vale. Ao alhear do sol, refrescando o norte límpido, dezenas e dezenas de moinhos agrupados ou disseminados pelas cristas da serra, girando as suas capas brancas, produzindo-nos a visão de que se movia toda aquela grandiosa e deslumbrante paisagem».

Após esta lindíssima descripção, mais além o autor diz que a igreja de Nossa Senhora da Ajuda, «que em tempos tinha sido um curato pingue», era concorridíssima á missa do dia, e cita os nomes de muitas das pessoas de consideração que ali eram certas.

E, como nota pitoresca, Bulhão Pato, notando que naquele tempo a Semana Santa se tornava o maior e mais solene período do ano, acrescenta:

«As saloias, que andavam de saias averdegadas, todas garridas, tocando os burrinhos ajoitados de flores de

quaresma de vivissimo aroma; na ida para Lisboa paravam á porta da igreja da Boa Hora a deixarem ao seu prior junquinhos, lírios, palmas, alfazema das hortas e rosmarinho dos campos para festonar os altares».

Ao terminar este artigo fica-nos o receio de que o espírito de Bulhão Pato, lá na mansão dos justos onde paira, nos não perdôe o sacrilégio de inserirmos as suas palavras brilhantes entre a nossa prosa chã e descolorida.

Alfredo Gameiro.

Socied. Filarmonica Recordação d'Apolo

Brilhantes festas, as realizadas nesta importante colectividade, para soleznizar o seu 37.º aniversário. Fazia parte do programa, uma sessão solene, que se effectuou no dia 23 p. p., em que usaram da palavra, vários delegados doutros organismos, bem como o representante da Federação, que ao ter conhecimento de que se encontrava presente o nosso camarada de redacção Viriato Antunes da Silva, teve para com o nosso jornal, palavras de muito carinho, ao mesmo tempo que nos animava a prosseguir nesta obra.

Aos directores de tam prestimosa agremiação, felicitamos, pela passagem de mais um ano de existência, da sua colectividade.

Este número foi visado
pela Comissão de Censura

SAUDADE QUE MATA

Por A. M. RIBEIRO

Se cada qual fizesse o bem de que é susceptível, não haveria desgraçados.

Favorita Ajudense

DE

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanqueiro, Retrozeiro, Rorparia e Gravataria

Artigos Escolares — Material eléctrico

GRANDES PECHINHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

Nova Padaria Taboense

DE

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

Rua das Mercês, 118 a 128
AJUDA — LISBOA

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMÉRCIO DA AJUDA" e onde este jornal pode ser adquirido gratuitamente:

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGÉNIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. das Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 552

Casa do Povo da Ajuda

DE
LUIZ ANTONIO DA LUZ

Artigos de retrozaria, roupas brancas para homem, senhora e creança, e muitos outros artigos a preços módicos

113, Calçada da Ajuda, 115 — LISBOA

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GÉNEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

CERAMICA DE ARCOLENA

DE
J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas
Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda e onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis tambem um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, a preços razoaveis

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 4 horas da tarde
PEDRO DE FARIA Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA — 4.^{as} feiras ás 9 h JULIO CARVALHO — 3.^{as} feiras ás 9 h.
FRANCISCO DE ALA — Quintas-feiras ás 0 horas

Serviço nocturno ás quartas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telefone B. 456

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda
LISBOA

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa
LICORES E TABACOS

ATENÇÃO!

FATOS

fazem-se desde 135\$00 a 160\$00, com perfeição e pontualidade, e a 120\$00, com forros especiais, na oficina de

ANTÓNIO DO ESPIRITO SANTO JR
(ANTÓNIO ALFAIATE)

Rua do Cruzeiro (à Ajuda), 97, 2.º, D.

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE
FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em cortice, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

PEROLA DA AJUDA

DE

JOSÉ JULIO BORDALO

Merccaria, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente

CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ

Louças de esmalte e vidros Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A — R. das Mercês, 121

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Tapada, 47 a 53

Calçada da Ajuda, 212 a 216

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Largo 20 de Abril (Calvário), 1

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552,
onde serão atendidos com a máxima urgência

PARA OS MIUDOS

PAGINA INFANTIL

AS MOSCAS AGRADECIDAS

Conta uma velha história que, em certo lugarejo da França, vivia um sapateiro, homem trabalhador, honesto e notavelmente boudoso para com todos os seres viventes.

Não havia nos arredores animalzinho sedento ou esfomeado que à sua porta não encontrasse a água para saciar-se e o pedaço de pão ou de carne com que matasse a fome.

Possuía um cão e um gato que singularmente fraternisavam nas brincadeiras e na malga das sopas, e no quintal da sua casa modesta abundavam os coelhos, as galinhas e os pom-binhos, de que ele todas as manhãs tratava com a mais desvelada solicitude.

Aves engaioladas nunca as quizera ter, porque considerava um crime o aprisionar os tenros passaritos que a natureza criara para voarem livremente no espaço; contentava-se com o chilrear dos que pousavam em duas árvores em frente da sua loja, e, no doce cantar das avesinhas, ele julgava perceber um hino de louvor e agradecimento à sua dedicação e ao amor que dispensava aos encantadores e delicados seres.

Era frequente caírem moscas no tachinho da massa que o bom sapateiro utilisava no seu trabalho. E então, ele, condóido ao vê-las agitar as azas no anseio de recuperar a liberdade, com infinitos cuidados retirava-as daquela situação angustiosa, colocava-as ao sol para secarem, e sentia uma grande alegria ao vê-las, enfim, erguerem-se em vôo ligeiro e sumirem-se ao longe, não sem primeiro lhe terem voltejado duas ou três vezes em torno da cabeça, como que a dar-lhe testemunho da sua gratidão.

Algumas vezes a mulher o censurava pelo tempo que considerava perdido em tais ninharias, mas o bom homem redarguia:

— Deixa lá, mulher. Deus paga sempre o bem que se faz às suas criaturas... Olha que os animaisinhos sentem como nós.

Ora deu-se o caso de que, em certa ocasião, o sapateiro viu-se em embarras, por não poder acabar a tempo dois pares de botas prometidas para determinado dia. Os colegas da localidade não podiam valer-lhe, e ele, exausto e atacado de febre violenta, viu-se obrigado a recolher à cama, aflito e preocupado por faltar à palavra dada ao freguês, que no dia imediato partia para longa viagem.

Mas — ó maravilha! — ao amanhecer a mulher foi encontrar sobre o balcão da lojinha, muito lúsidias e bem acabadas, as botas que na véspera tinham ficado incompletas.

AOS LEITORES

*Quem quizer lêr os meus versos, não tente
Achar um alto engenho de estrutura.
Conceda-lhe antes com certa brandura
Um juízo benévolo e indulgente.*

*Mas por Deus não me julgue inteligente
Ou capaz de empolgar nesta 'eitura,
Pois que sendo sujeito a sã censura
Valho, quiçá, por ser imperitente.*

*Contudo focarei alguns conceitos
Mostrando a petizada tais defeitos
Que nisso penso dar-lhes alegrias,*

*Como se lhes desse mil confeitos
Porque os lendo, assim, colhem proveitos
Tirados da moral destas poesias.*

ALEXANDRE SETTAS.

¿ Como se poderia ter produzido o milagre?

O sapateiro dava tratos à imaginação sem conseguir explicar o caso. Mas não disse nada a ninguém.

E como a doença o impossibilitasse ainda de trabalhar, continuou na cama.

Na manhã seguinte mais um par de botas e outro de sapatos se encontravam brilhantes e prontos a ser entregues aos freguêses.

O pobre homem redobrou de espanto, e, como se sentisse um pouco melhor, não pôde conter-se. Queria descobrir quem era que assim se lhe introduzia em casa e o substitua com uma perfeição e esmero que causariam inveja ao mais habil artista. E nessa noite não dormiu. Por volta da madrugada, pé ante pé, muito surratoiramente, dirigiu-se para a casa que lhe servia de oficina, e, ao abrir a porta de mansinho, deparou com um enorme bando de moscas que, surpreendidas, procuravam escapar-se, como que envergonhadas do seu acto, por mau fresta que dava para a rua, e por onde nesse instante entrava timidamente a luz suave da manhã.

O sapateiro soltou uma exclamação de espanto:

— Meu Deus! Que quero isto dizer?

E uma voz débil, como débil era o zunido das azas transparentes agitadas pelas moscas que fugiam, murmurou:

— Somos as moscas que com tanto carinho tens salvado da morte. Aceita o nosso reconhecimento, e adeus... até outra ocasião!

E ele, com a alegria que enche sempre a alma dos que praticam boas acções, exclamava, sorrindo, para a mulher:

— ¿ Eu não te dizia, que quem faz o bem, mais cedo ou mais tarde terá a recompensa?

ALFREDO GAMEIRO.

LIÇÃO DE DELICADEZA

— João, quando pisares, sem querer, o pé de qualquer pessoa, o que deves dizer?

— Perdão... não foi por mal.

— E, se tocado pela tua delicadeza, essa pessoa te der cinco tostões?

— Então, pise-lhe o outro.

A semana das ralazanas

Segundo acabo de lêr no jornal parisiense «LE BENJAMIN», durante uma qualquer semana de Novembro realizar-se-á em Inglaterra, por determinação do Ministério da Agricultura, a caça aos ratos e às ralazanas.

O referido Ministério convida por isso o povo a armar-se (?) e a dispôr de todos os utensílios capazes de aniquilar e extinguir a orda crescente desses atrevidos roedores.

Acrescenta ainda «LE BENJAMIN» que esta cruzada de intenção raticida parece ter por fim proteger em especial os agricultores que, vendo os produtos dos seus solos imensamente devastados, se alarmaram ao ponto de solicitar do estado os necessários auxílios.

Ora, por uma sucessão de ideias compreensíveis, entendo que calha aqui a primor contar qualquer coisa de ratinhos para amenisar os leitores desta página. Ai vai, pois, uma fantazia cujo conceito encerrado em ligeiros versos eu estimarei que aproveitem.

Esta história em verso, é subordinada ao tema: desobediência.

Eu calculo que estas palavras não visam os meus simpáticos leitores porque, sendo bem educados, acatam sempre as determinações de quem tem o dever de os ensinar. Mas, como sempre é bom conhecer os defeitos alheios para confrontar com as nossas virtudes, eu devo dizer-vos que a desobediência é um dos piores sequestros e que, muitíssimas vezes, determina graves consequências.

Além de essa falta de cumprimento de notar um mau princípio de educação, pelo desrespeito a quem orienta, quando a desobediência se arraija no âmbito de uma criança, toma, por fim, o caracter temível da indisciplina.

Mas para não prolongar demasiado esta árida dissertação, eu vou contar-vos já, numa história da minha autoria, o que succedeu ao

RATINHO DESOBEDIENTE

Amigos de pouca idade,
A história que vou contar,
Tem um fundo de verdade
Que é preciso aproveitar.

No fôrro do sobrado em que vivia
Uma família imensa de ratinhos,
Apareceram certos buraquinhos
Onde, de quando em vez, algum surgia.

Cautelosos por norma e muito espertos,
Evitando qualquer simples rumor,
Só noite fôra iam ao seu labor,
Explorando a despensa em «raids» certos.

Queijos, batatas, massas e presuntos,
De tudo havia lá para escolher.
Pelo que, fartos, só depois de roer,
Tomavam rumo ao côio, alegres, juntos.

Juntos não está bem, a «Trinca Tudo»,
Despresando os conselhos paternais,
Estribados nos códigos racionais,
Era atrevido, audaz, era telhudo.

E, certa madrugada, este imprudente
Quando estava a roer um bacalhau sueco,
Ficou preso nas garras do «Tareco»
Que o imolou com ar fero, inclemente.

E, enquanto os pais, deveras compungidos,
Lamentavam a rude contingência
Desta triste e fatal desobediência,
Soltava o pobre os últimos gemidos.

Alexandre Settás.

Salão Portugal

CINEMA SONORO

DOMINGO, 6 Às 21 horas

O DESTINO DUM CAVALHEIRO

Filme sonoro, com JOHN GILBERT

TREMER E TITUBEAR ** AMOR PROIBIDO

Sonoro, com Bucha e Estica

Mudo, com R. Navarro

NA MATINÉE, às 2 horas da tarde

QUEM MATOU? ** O PRINCIPE HERDEIRO AMORES PROIBIDOS

MATINÉES TODOS OS DOMINGOS

Emprezári J. NICOLAU VERISSIMO

Travessa da Memória - Ajuda

TELEFONE BELEM 124

Filmes a exhibir:

Dia 7 — O TENENTE DO AMOR e AMOR ROUBADO

Dia 8 — RONNY, A PRINCEZA ENCANTADORA e O CRIME DO EXPRESSO

Dias 10, 11 e 12 — TRADER HORN

A SEGUIR — AS MELHORES PRODUÇÕES DA EPOCA

O Cinema mais frequentado e que melhores programas apresenta, tendo fixado contracto para a exhibição das melhores super-produções

Marcações pelo Telefone Belém 124

A melhor instalação sonora dos cinemas da parte ocidental de Lisboa

O QUE NÓS PENSAMOS

«O Comércio da Ajuda» tem, desde o seu ultimo numero, um novo director.

Os motivos que determinaram a saída voluntaria de António Gomes Rocha de director deste jornal, certamente, não foram de molde a ele privar este órgão bairrista da sua colaboração pois, não abundando quem esteja disposto a escrever sobre assuntos que interessam á nossa freguesia, um colaborador a menos, não é coisa que possa passar despercebida a quem quer que seja.

E assim, seja-nos permitido formular sinceros votos, no sentido de António Gomes Rocha continuar a trabalhar pelo progresso da nossa aldeia, como fez até ao momento de deixar a direcção deste jornal.

O novo director, Alexandre Rosado, cheio de boa vontade, muito sincero e leal, dotado de uma intelligência privilegiada e desempoeirada, com uma larga experiência das lides jornalísticas, a sua acção necessariamente ha-de marcar bem a sua passagem pelo posto de responsabilidade que foi ocupar, ficando a Ajuda a dever-lhe assinalados serviços.

A sua actuação a dentro do nosso jornal, apesar de ser de uma enorme responsabilidade, está bastante simplificada pelas intenções que presidiram ao lançar o jornal á publicidade e também porque este não tem atrás de si intuitos mercantis.

E porque a fundação do jornal obedecia apenas á genial ideia de defender os interesses da Ajuda, é sempre

com profundo pesar que verificamos o afastamento daqueles que, desinteressadamente, se propuzeram contribuir com o seu esforço, no sentido de facilitar a empresa deveras arrojada dos seus proprietários.

Para que «O Comércio da Ajuda» possa realizar uma obra de vulto em prol da Ajuda, obra que o honre e eleve cada vez mais no conceito dos seus leitores, é preciso que exista sempre uma boa harmonia entre dirigentes e colaboradores.

Há que fugir a situações difíceis, em que se têm envolvido outros jornais, fundados com idênticos fins, as quais, longe de unir os paroquianos que eles procuram servir, antes vêm cavando fundas dissensões que servem apenas para encravar a obra a que voluntariamente meteram ombros.

Qualquer jornal que se proponha defender os interesses de uma determinada freguesia, vila ou cidade, os seus dirigentes ou proprietários não têm que se preocupar com o idealismo dos seus colaboradores; têm sim que se preocupar com a natureza dessa colaboração, a qual, na época que decorre, jámais poderá ser moldada em teorias velhissimas.

Os assuntos vitais da freguesia da Ajuda, ou de qualquer outra, não podem ser debatidos empunhando-se um azorrague de grandes ou pequenas dimensões, mas tam sómente, uma caneta.

Há que tratar dos assuntos da colectividade com todo o desassombro, imprimindo-lhe uma feição moderna, propria dos tempos que decorrem, sem o receio da politica de A. ou de

B., porque afinal de contas, tratar do bem estar dos habitantes de determinada localidade ou região, salvo melhor opinião, é tratar da politica económica dessa localidade ou região.

Agostinho António.

11 DE NOVEMBRO

O XIV Aniversário do Armistício

No próximo dia 11, celebra-se o XIV aniversário do armistício da Grande Guerra.

Essa data redentora, marcou o fim das hostilidades que se desencadearam ferozmente na Europa.

Após ela, deve iniciar-se uma era nova, uma era de Paz.

Que ela seja duradoura, que ela marque a razão do século XX.

A Liga dos Combatentes da Grande Guerra, solenisa a passagem de mais um aniversário do maior dos conflitos de que ha memória, com uma parada dos homens da guerra.

Sacrificados de então, que atestam bem altivamente que souberam cumprir o seu dever, e que nessa fôrnalha cadente se fortaleceram para impedir que as gerações novas, tombem no ciclo vicioso das ambições humanas.

Que a esse elevado gesto cívico, de homenagear aqueles que tombando na luta, souberam dignificar Portugal, não deixe de se representar a nossa freguesia, pelos seus veteranos da Guerra, a quem «O Comércio da Ajuda» presta as suas homenagens.

MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade

DE João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 E 97 — LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)